



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 3 de dezembro de 2024

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na segunda-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na segunda-feira	Últimos	Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,34% São Paulo	127.668	R\$ 6,068 (+ 1,11%)	R\$ 1.412	R\$ 6,367	11,15%	11,67%	Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53
0,29% Nova York	27/11 28/11 29/11 02/12	26/novembro 5,808 27/novembro 5,913 28/novembro 5,989 29/novembro 6,001					

CONTROLE DA INFLAÇÃO

Falando a investidores, futuro presidente do Banco Central descartou a redução da taxa básica de juros no curto prazo. O atual diretor de política monetária da autarquia, porém, evitou fazer projeções de qual será a taxa no próximo ano

Com dólar a R\$ 6, Selic segue alta, diz Galípolo

» FERNANDA STRICKLAND

Festejado por integrantes do governo como o homem de Lula no Banco Central, Gabriel Galípolo, futuro presidente da autarquia, frustrou as pretensões do Planalto ao indicar, ontem, que a taxa básica de juros (Selic) seguirá subindo no ano que vem. Em palestra promovida pela XP Investimentos, Galípolo comentou que o cenário econômico atual exige uma postura mais rígida em relação às taxas de juros.

Segundo ele, é necessário manter “juros mais altos por mais tempo” para lidar com o dinamismo inesperado da economia brasileira e a desvalorização do real perante o dólar, que ontem fechou o dia a R\$ 6,06. Para o diretor de Política Monetária do BC, ambos os fatores tornam “lógica” a adoção de uma política monetária mais contracionista. “Parece relativamente lógico imaginar isso e (foi) em cima desse movimento que aconteceu ao longo do ano que o Banco Central foi migrando gradativamente de um ciclo de corte para uma pausa e (para) o ciclo de alta de juros”, afirmou Galípolo.

Ele lembrou que a autarquia iniciou os cortes de juros em agosto de 2023, levando a Selic a 10,50% ao fim do período de afrouxamento, por haver uma perspectiva de desaceleração da economia naquele momento, que tem se “frustrado

sistematicamente”. “O dinamismo econômico que temos observado, aliado à desvalorização da moeda, demanda uma resposta proporcional. Uma política fiscal mais progressiva este ano pode ter colocado mais dinheiro nas mãos de consumidores com maior propensão ao consumo, o que reforça a necessidade de controle”, explicou.

Galípolo, que assumirá o cargo em 2025, elogiou a atual equipe da instituição e agradeceu a confiança depositada nele pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e pelo atual presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. “Estou muito satisfeito com o trabalho que vem sendo realizado pelo Banco Central e com a equipe que temos à disposição. É um privilégio ter a oportunidade de contribuir com um time tão qualificado”, afirmou.

A fala de Galípolo contraria a expectativa do governo. Na semana passada, o ministro Rui Costa, da Casa Civil, culpou o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, pela disparada da cotação do dólar, e afirmou que o governo está na expectativa pela sucessão de Campos Neto, com a posse de Gabriel Galípolo — indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência do Banco Central em janeiro. O ministro disse que a autarquia terá uma direção “que vai adotar, de forma autônoma,

Divulgação/XP



Para Galípolo, antes de reduzir os juros é preciso reancorar as expectativas de inflação

técnica, com competência, com conhecimento técnico, as medidas que precisam ser adotadas”.

Inflação

Uma das principais inquietações entre investidores, especialmente os estrangeiros, é compreender como o BC avalia o cenário de riscos, tanto internos

quanto externos. Ainda durante o evento promovido pela XP, Galípolo destacou a preocupação central: a desancoragem das expectativas de inflação.

Ele ressaltou que o BC está atento à elevação das projeções inflacionárias, que tem se intensificado nas últimas semanas. “É um tema que monitoramos com bastante atenção, pelo incômodo

gerado durante um ciclo de alta de juros. O papel do Banco Central é reancorar essas expectativas”, afirmou Galípolo.

Internamente, o mercado de trabalho tem sido uma peça-chave na análise do Banco Central. Na semana passada, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que a taxa de desemprego no trimestre encerrado em

outubro caiu para 6,2%, o menor patamar da série histórica, iniciada em 2012.

Um mercado de trabalho aquecido pode provocar pressões inflacionárias. Segundo Galípolo, é fundamental entender como essas variáveis interagem com outros elementos da economia doméstica, como a desvalorização do câmbio e o ritmo da atividade econômica. “O Banco Central busca mapear os impactos de uma economia mais dinâmica, combinados às incertezas vindas do cenário internacional”, explicou.

Galípolo também enfatizou que as economias líderes globais têm passado por transformações estruturais significativas desde os anos 2000. Esses movimentos, segundo ele, são fontes de incertezas que precisam ser monitoradas para avaliar possíveis impactos no Brasil.

Entre os fatores externos, o diretor destacou as pressões inflacionárias globais, os movimentos das taxas de juros nos Estados Unidos e na Europa, e as mudanças nas cadeias de produção e comércio internacional.

Com uma inflação que insiste em permanecer acima do centro da meta e um cenário internacional ainda incerto, a missão do BC é equilibrar as variáveis domésticas e globais para manter a economia brasileira estável. Galípolo frisou que a prioridade é reancorar as expectativas e dar previsibilidade ao mercado.

Focus prevê IPCA em 4,71%

» RAFAELA GONÇALVES

Economistas do mercado financeiro voltaram a elevar suas projeções para a inflação neste ano, após a divulgação das medidas de corte de gastos por parte do governo. Segundo os dados do último Boletim Focus, divulgado ontem pelo Banco Central (BC), a expectativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2024 passou de 4,63% para 4,71%.

Caso a projeção se concretize, a inflação fechará o ano acima do teto da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 4,50%. As expectativas também foram elevadas para 2025, passando de 4,34% para 4,40%. A projeção para 2026 passou de 3,78% para 3,81%, enquanto para 2027, a estimativa caiu de 3,51% para 3,50%.

De acordo com analistas, a postura já cautelosa do BC diante das persistentes incertezas econômicas e a situação fiscal têm pesado para o aumento das estimativas de inflação. Segundo João Kepler, CEO da Equity Fund Group, o pacote fiscal ficou aquém do esperado. Ele destacou que o próprio ministro da Fazenda, Fernando Haddad, admitiu que sua efetividade pode depender de revisões.

“O mercado esperava um plano mais detalhado e cortes mais robustos no curto prazo, mas o plano concentrou os maiores esforços apenas para 2026 e, com isso, foi considerado com estimativas superestimadas e insuficientes para enfrentar os desafios imediatos de equilíbrio fiscal e recuperação da confiança”, avaliou.

Para Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos, há um descompasso entre política fiscal e monetária. “A recorrente elevação das projeções de inflação reflete tensões latentes, agravada pela dificuldade do governo em conter os gastos públicos de forma eficaz. Esse descompasso entre política fiscal e monetária mantém as expectativas inflacionárias acima do desejado, prejudicando o controle do Banco Central e a condução do novo presidente, Gabriel Galípolo”, ponderou.

Selic

A projeção para a taxa básica de juros da economia (Selic) permaneceu estável em 2024, ficando em 11,75%. Atualmente, a taxa está em 11,25%, o que sugere mais um aumento até o fim do ano. Os economistas, no entanto, passaram a prever uma alta maior de juros no próximo ano. Para 2025, a estimativa foi elevada de 12,25% para 12,63% ao ano.

O dado foi o que mais chamou atenção do mercado. “A insistência em juros elevados é um reflexo da necessidade de ancorar as expectativas de inflação, mas acarreta custos significativos para o crescimento econômico e o consumo. O mercado já precifica um ciclo prolongado de juros altos, o que limita a recuperação econômica e pressionará setores sensíveis ao crédito”, observou Lima.

No âmbito fiscal, o analista também considera que as recentes sinalizações de ajustes no orçamento ainda são insuficientes para

convencer o mercado de um compromisso robusto com a sustentabilidade. “Sem uma resposta clara para os desequilíbrios fiscais, o cenário para 2025 e 2026 tende a se deteriorar ainda mais, como demonstrado no Focus com alteração da inflação para 2025 e 2026, com menor confiança na estabilidade de longo prazo”, completou.

Dólar em alta

Para o câmbio, a estimativa para o dólar ao final de 2024 permaneceu em R\$ 5,70. Ontem, a moeda norte-americana bateu recorde, fechando pela primeira vez acima de R\$ 6,06. O desconforto do mercado veio em parte também das medidas fiscais do governo, que se traduziram em aumento do prêmio de risco, em meio às ameaças do presidente Donald Trump de taxar em 100% as importações dos países do Brics que substituírem o dólar em transações comerciais.

O analista da Ouro Preto Investimentos destaca que esse contexto pressiona o real e outras moedas emergentes, elevando o dólar. “A valorização é intensificada por declarações de política cambial que mantêm o Banco Central em posição passiva, sem intervenções significativas para conter o movimento. Combinada à fragilidade fiscal interna, essa dinâmica cria um cenário de alta volatilidade cambial, com o dólar buscando novos recordes”, disse.

A mediana das projeções para a moeda em 2025 subiu de R\$ 5,55 para R\$ 5,60. Para 2026, a estimativa passou de R\$ 5,50 para R\$ 5,60,

Expectativas de mercado

Mediana das projeções do último Boletim Focus

2024	Há 4 semanas	Há 1 semana	2/12
IPCA (%)	4,59	4,63	4,71
PIB (%)	3,10	3,17	3,22
Câmbio (R\$/ US\$)	5,50	5,70	5,70
Selic (% a.a.)	11,75	11,75	11,75

2025	Há 4 semanas	Há 1 semana	2/12
IPCA (%)	4,03	4,34	4,40
PIB (%)	1,93	1,95	1,95
Câmbio (R\$/ US\$)	5,43	5,55	5,60
Selic (% a.a.)	11,50	12,25	12,63

Fonte: Boletim Focus/ Banco Central.



enquanto a projeção para 2027 permaneceu em R\$ 5,50.

Para o Produto Interno Bruto (PIB), a mediana das projeções subiu de 3,17% para 3,22% para este

ano. Já a previsão para 2025 permaneceu em 1,95%, assim como para 2026 e para 2027, que ficaram nos mesmos 2,0%. Os investidores aguardam hoje a divulgação dos

dados referentes ao crescimento da economia no terceiro trimestre de 2024. A expectativa dos analistas é de que o indicador apresente uma desaceleração moderada.